

Narrativas de Folkcomunicação em Saúde no Rádio: Uma Análise do Programa Consultório de Graça e seu Impacto no Bem-Estar do Públíco Ouvinte

Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos¹

Submetido em: 29/04/2025

Aceito em: 22/06/2025

RESUMO

Este artigo analisa a contribuição do programa radiofônico *Consultório de Graça*, veiculado pela Rádio Jornal do Recife, como instrumento de folkcomunicação em saúde. Ao longo de 17 anos, sob a liderança da jornalista Graça Araújo, o programa promoveu a educação sanitária e o acesso a informações médicas de forma acessível e empática. A pesquisa destaca como o rádio, enquanto meio popular, favorece práticas de cidadania e inclusão, especialmente em contextos de desigualdade social. A análise também reforça a importância da formação em comunicação e mídia nos cursos de Medicina no Brasil, visando aprimorar o diálogo entre profissionais de saúde e a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Rádio; Saúde Pública; Cidadania; Inclusão Social.

Folkcommunication Narratives in Health on Radio: An Analysis of the Consultório de Graça Program and its Impact on the Well-Being of the Listening Public

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, Docente da Faculdade Pernambucana de Saúde e da Faculdade Senac-PE. Correio eletrônico: dr.pedropauloprocopio@gmail.com

ABSTRACT

This article analyzes the contribution of the radio program *Consultório de Graça*, broadcast by Rádio Jornal do Recife, as a tool of health folkcommunication. Over 17 years, under the leadership of journalist Graça Araújo, the program promoted health education and access to medical information in an accessible and empathetic manner. The study highlights how radio, as a popular medium, fosters practices of citizenship and inclusion, particularly in contexts of social inequality. The analysis also emphasizes the importance of communication and media training in Brazilian medical education to improve dialogue between healthcare professionals and society.

KEYWORDS

Folkcommunication; Radio; Public Health; Citizenship; Social Inclusion.

Narrativas de Comunicación Popular en Salud en la radio:

Un Análisis del Programa Consultório de Graça y su Impacto en el Bienestar del Público Oyente

RESUMEN

Este artículo analiza la contribución del programa radiofónico *Consultório de Graça*, transmitido por Rádio Jornal de Recife, como herramienta de folkcomunicación en salud. Durante 17 años, bajo la conducción de la periodista Graça Araújo, el programa promovió la educación sanitaria y el acceso a información médica de forma accesible y empática. El estudio destaca cómo la radio, como medio popular, favorece prácticas de ciudadanía e inclusión, especialmente en contextos de desigualdad social. El análisis también resalta la importancia de la formación en comunicación y medios en los cursos de Medicina en Brasil para mejorar el diálogo entre los profesionales de la salud y la sociedad.

PALABRAS-CLAVE

Folkcomunicación; Radio; Salud Pública; Ciudadanía; Inclusión social.

Introdução

— Vó, como a senhora sabe de tudo isso?

— Foi o “dotô” quem disse no rádio, meu “fio.” Tem que deixar as caçarolas embrorcadas pra não juntar água e criar dengue.

Esta abertura foge do convencional e contrasta com os cânones com os quais cientistas e pesquisadores estão habituados a lidar, em meio a normas rígidas e ao olhar crítico de seus pares. Este autor reconhece a importância de tais parâmetros; no entanto, o olhar afetivo — além de saudoso — que permeia essas linhas o impulsiona a “romper quaisquer cânones” e, por meio deste relato empírico, vivido durante a infância no início dos anos 1990, evidencia a relevância da relação entre mídia e saúde.

Essa relevância cresce em progressão geométrica quando os profissionais de saúde se comunicam de forma simples e acessível, tornando-se “compadres e comadres”, e não deuses enclausurados em um distante Olimpo repleto de saberes inatingíveis. A inacessibilidade ao conhecimento sobre a própria saúde converte-se, assim, em mistério, aproximando as populações vulneráveis de ervas, milagres, benzedeiras e fé como meios de regeneração.

A personagem desta história, já septuagenária à época do aconselhamento, jamais teve o privilégio de frequentar a escola, na zona rural do pequeno município de Poção, no Agreste de Pernambuco. Sonhar parecia proibido diante de tantas privações; mesmo assim, desejava ter uma filha professora. Maria Rosa de Oliveira não apenas viu esse sonho concretizado como também inspirou o neto caçula, que, décadas depois dessa lição sobre a dengue e após anos de docência na interface entre comunicação, medicina e áreas afins, intensificou os esforços para compreender, analisar e disseminar uma teoria emergente: a Folkcomunicação em Saúde, proposta por Santos (2024).

Conforme Santos (2024), a Folkcomunicação deve ser entendida como eixo norteador de uma tríade essencial ao êxito nos atendimentos em saúde, possibilitando que a população mais vulnerável compreenda os tratamentos, aspectos profiláticos e enfrente as

fake news. A tríade proposta é formada por comunicação, humanização e acolhimento — pilares que fomentam a adesão efetiva às orientações médicas.

Ainda segundo Santos (2024), a comunicação em saúde deve ser moldada para contemplar públicos urbanos e rurais historicamente excluídos dos processos educacionais formais e subalternizados por razões socioeconômicas e culturais. Esses grupos lotam hospitais públicos e postos de saúde, trocando saberes e temores diante da dificuldade de acesso ou da incompreensão do discurso técnico-científico, fatores que muitas vezes os afastam do tratamento adequado e os aproximam de práticas místicas e notícias falsas.

Na visão do estudioso, tais questões levam à reflexão sobre a antítese da Folkcomunicação: a incompreensão. Como já afirmava Pignatari (2004), é impossível não comunicar. Assim, comunicar de forma “fechada” e inacessível não apenas exclui, como também fere. Em consonância, Goleman (1995) sustenta que o medo idiotiza as pessoas, fragilizando-as e conduzindo-as a atitudes equivocadas.

No contexto da sociedade da informação, estudada por Castells (1999), o antigo boato ganha proporções gigantescas, disseminado rapidamente por aplicativos como WhatsApp, em ambientes desprovidos de mediação crítica. Nesse cenário, boas práticas comunicacionais poderiam promover o empoderamento e a humanização da assistência à saúde. Como sustenta Tabakman (2013), mídia e saúde geram um ganho exponencial à sociedade. Acrescentamos que esse ganho é ainda mais significativo quando veiculado pelo rádio, um meio de comunicação que supera barreiras de conectividade e letramento, sobretudo ao colocar médicos, jornalistas e profissionais de saúde conscientes do seu papel social diante dos microfones.

Na perspectiva de Santos (2024), nas últimas décadas foram criados diferentes protocolos de comunicação médica com o objetivo de aproximar as equipes dos pacientes, familiares e cuidadores. Ademais, desde 1978, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como o bem-estar físico, mental e social, o que reforça a necessidade de abordagens comunicacionais mais inclusivas. Portanto, defende-se que a comunicação efetiva — verdadeiramente humanizada — requer escuta ativa, atenção ao verbal e ao não verbal, como eixos centrais para a aproximação entre indivíduos. Essa aproximação é ainda mais necessária quando existem grandes assimetrias de conhecimento ou vulnerabilidade, sendo que adotar

práticas de Folkcomunicação em Saúde, tanto na prática clínica quanto na radiodifusão, pode fazer toda a diferença.

Essas reflexões iniciais ratificam a relevância do presente trabalho, cujo objetivo geral é analisar o papel do programa radiofônico Consultório de Graça e a aplicação da Folkcomunicação em Saúde adotada por ele — mesmo antes da formalização desta teoria — no acesso popular às informações de saúde pública em Pernambuco. Especificamente, pretende-se: (i) refletir sobre a Folkcomunicação em Saúde, (ii) apresentar um breve histórico do programa, (iii) discutir a importância da formação em comunicação e mídia nos cursos de medicina no Brasil.

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem exploratória e bibliográfica, baseando-se em autores como Beltrão (1980), Campos e Rios (2018), Santos (2024), entre outros, e buscando compreender como as habilidades comunicacionais, segundo os princípios da Folkcomunicação em Saúde, podem fomentar a inclusão e a cidadania. Também fundamenta-se nos aportes de Marques de Melo (2003), ao reconhecer os emissores populares como sujeitos ativos na construção de práticas comunicacionais cidadãs; Assis (2008), cuja reflexão sobre a importância da linguagem cultural e participativa na comunicação em saúde sustenta o diálogo com o público; e Meditsch (2001), que reforça o papel democrático do rádio como meio de escuta livre e de alcance social ampliado. A partir dessas contribuições, a pesquisa procura evidenciar como práticas comunicativas baseadas na oralidade, na escuta ativa e na cultura local podem contribuir significativamente para a promoção da saúde e para o fortalecimento da cidadania.

Panorama sobre a “recém-nascida” Folkcomunicação em Saúde

A Folkcomunicação em Saúde constitui um campo emergente que tem como base epistemológica os estudos inaugurados por Luiz Beltrão, em meados do século XX, ao reconhecer nas manifestações populares — como o folclore, as tradições orais e os meios informais de comunicação — canais legítimos e potentes de circulação de informações. Ainda que Beltrão (1980) não tenha se debruçado diretamente sobre a temática da saúde, sua concepção de comunicação popular sustenta que “o folclore representa o primeiro meio de

comunicação das massas”, sendo por ele que “as camadas populares mantêm a coesão do grupo e repassam seus conhecimentos” (Beltrão, 1980, p. 36).

Aos poucos, pesquisadores passaram a vislumbrar o potencial da folkcomunicação aplicada a processos educativos e sociais. É nesse contexto que surge a proposta da Folkcomunicação em Saúde, recém-exposta por Santos (2024), especialmente em territórios populares onde a linguagem técnico-científica da medicina convencional encontra barreiras culturais e simbólicas. A escuta, a oralidade, a confiança em emissores locais e o uso de linguagens acessíveis tornam-se estratégicos para a promoção da saúde.

Segundo Marques de Melo (2003), é por meio do reconhecimento dos emissores populares como sujeitos ativos nos processos comunicacionais, que a folkcomunicação favorece práticas dialógicas imprescindíveis ao fortalecimento cidadão. Nesse sentido, o rádio emerge como um dos veículos centrais a prática da folkcomunicação em saúde, por seu alcance, sua oralidade e sua credibilidade social.

Ao alinhar-se com estratégias educomunicativas, a folkcomunicação em saúde se fortalece como instrumento de transformação social. Regina de Assis (2008) observa que quando a comunicação é participativa, educativa e sensível às linguagens do povo, ela favorece exponencialmente processos de transformação social na área da saúde. Essa perspectiva também dialoga com as reflexões de César Bolaño (2000), para quem a folkcomunicação pode ser uma via legítima para políticas públicas comunicacionais, pois atua no espaço simbólico da cultura, onde se constroem valores e práticas sociais e, claro, reforça o entendimento de Santos (2024) a esse respeito.

Dessa forma, a Folkcomunicação em Saúde, ainda que recém-nascida como campo conceitual, fundamenta-se em uma sólida tradição de estudos da comunicação popular, da oralidade e da cultura. Sua consolidação se fortalece justamente quando práticas comunicativas locais e comunitárias — como as do programa radiofônico Consultório de Graça, no Recife — ganham visibilidade como experiências que unem cuidado, escuta, cultura e inclusão.

No artigo 'Folkcomunicação em Saúde: Perspectivas e Reflexões Sobre um Novo Campo Teórico', Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos (2024) propõe a consolidação da Folkcomunicação em Saúde como um novo campo teórico, fundado na interseção entre comunicação popular e práticas de cuidado em saúde. O autor argumenta que a

folkcomunicação pode atuar como elemento terapêutico na construção de uma comunicação mais acessível, próxima e humanizada entre profissionais de saúde e pacientes, especialmente nas situações de vulnerabilidade socioeconômica.

A partir de uma revisão bibliográfica e da experiência do autor em ambientes acadêmicos e ambulatórios simulados, o artigo explora as potencialidades da folkcomunicação no contexto da saúde pública. A pesquisa do autor inclui a análise de diversas experiências e estudos de caso realizados em programas de ensino, nos quais estudantes de medicina e saúde aplicam técnicas comunicacionais durante o atendimento a pacientes. Nesse contexto, Santos sugere que a linguagem médica, por vezes excessivamente técnica, pode ser um obstáculo à adesão e compreensão de tratamentos. A folkcomunicação, ao contrário, propõe uma linguagem mais próxima da realidade do paciente, favorecendo o diálogo, a troca de saberes e a humanização do atendimento.

Santos (2024) explora também como a folkcomunicação pode contribuir para a construção de uma tríade fundamental para a saúde: comunicação, humanização e acolhimento. Segundo o autor, essa abordagem é crucial para alcançar os objetivos da saúde pública, que não se limitam apenas ao bem-estar físico, mas também à saúde mental e social dos indivíduos.

Ao propor essa visão integrada, o autor destaca o papel da comunicação popular na quebra de barreiras informativas e no combate à disseminação de informações errôneas. Santos (2024) também enfatiza o poder da mídia e das estratégias de comunicação comunitária, que, ao invés de se restringirem ao modelo tradicional de transmissão de mensagens, promovem a participação ativa da comunidade na construção de sua própria saúde.

Outro ponto significativo abordado no artigo é a relevância dos saberes populares na promoção da saúde, principalmente entre populações periféricas e rurais, que frequentemente se veem marginalizadas pelos serviços de saúde formais. O autor sugere que integrar esses saberes tradicionais com as práticas da medicina científica pode enriquecer o atendimento e fortalecer os vínculos entre profissionais e pacientes. Santos propõe que a folkcomunicação em saúde deve ser vista como uma abordagem holística, que respeita as especificidades culturais e sociais de cada grupo, ao mesmo tempo em que utiliza o conhecimento técnico da medicina para promover um cuidado mais completo e integrado.

Em sua conclusão, Santos (2024) aponta a necessidade urgente de reconhecer a folkcomunicação como um campo de estudo relevante para a formação e prática em saúde. A comunicação popular, que inclui elementos como as narrativas locais, as expressões culturais e as redes comunitárias, pode proporcionar não apenas uma alternativa à comunicação tradicional, mas também uma possibilidade de transformação social. A integração dos saberes locais e a valorização da comunicação informal são fundamentais para a construção de uma saúde mais justa, acessível e centrada no paciente. É sobre a construção de uma relação mais ajustada entre profissionais de saúde e a mídia que o artigo discorre a seguir.

Além disso, o autor destaca a importância da formação de profissionais de saúde sensíveis às realidades culturais e sociais dos pacientes. A proposta é que a folkcomunicação seja incorporada não apenas como uma técnica, mas como um princípio central na formação acadêmica de médicos e outros profissionais de saúde. Santos argumenta que, ao compreender as necessidades comunicacionais das diferentes populações, os profissionais estarão mais bem preparados para proporcionar um atendimento mais empático e eficaz, favorecendo a adesão dos pacientes aos tratamentos e fortalecendo a confiança mútua.

Folkcomunicação em Saúde nas Ondas do Rádio: “O Consultório de Graça”

O rádio, enquanto meio de comunicação de forte apelo popular e de proximidade com as comunidades, se configura como espaço privilegiado para a promoção da cidadania e da inclusão social, especialmente em contextos periféricos e de baixa escolaridade (Ferraretto, 2000; Ortriwano, 1985; Prata, 2011; Meditsch, 2001).

Nesse cenário, o programa radiofônico “O Consultório de Graça” emerge como um exemplo paradigmático do uso da folkcomunicação no campo da saúde. A proposta do programa consistia em oferecer orientações médicas gratuitas por meio do rádio, aproximando profissionais de saúde e comunidade de maneira horizontal, afetiva e culturalmente adequada. Através de quadros de perguntas e respostas, dramatizações e entrevistas, o programa proporcionava não apenas esclarecimentos sobre doenças e tratamentos, mas também promovia um acolhimento simbólico, reforçando vínculos sociais e reduzindo o sentimento de isolamento dos ouvintes.

A folkcomunicação, conceito elaborado por Luiz Beltrão (1980), refere-se às práticas comunicativas populares que emergem da interação entre emissores e receptores de culturas periféricas. Essa forma de comunicação é caracterizada por sua simplicidade, oralidade e forte apelo emocional, sendo profundamente enraizada nos modos de vida tradicionais. No campo da saúde, essa teoria oferece uma via estratégica para a disseminação de informações em contextos marcados pela vulnerabilidade social, onde os meios convencionais de comunicação nem sempre alcançam de maneira eficaz.

O rádio, desde sua popularização, consolidou-se como um veículo privilegiado para a folkcomunicação, sobretudo em áreas rurais e periféricas urbanas. Por sua natureza oral e seu baixo custo de acesso, o rádio permite a transmissão de mensagens em linguagem simples, emocional e dialógica, características fundamentais para promover a educação em saúde junto a populações que, muitas vezes, têm níveis reduzidos de escolarização formal. Como observam Campos e Rios (2018, p. 45), “a comunicação popular em saúde deve considerar as especificidades culturais dos grupos sociais para ser eficaz na promoção de mudanças comportamentais”.

O veículo, enquanto meio de comunicação de forte apelo popular e de proximidade com as comunidades, se configura como espaço privilegiado para a promoção da cidadania e da inclusão social, especialmente em contextos periféricos e de baixa escolaridade (Ferraretto, 2000; Ortriwano, 1985; Prata, 2011; Meditsch, 2001). “Nesse cenário, o programa radiofônico “O Consultório de Graça” emerge como um exemplo paradigmático do uso da folkcomunicação no campo da saúde. A proposta do programa consistia em oferecer orientações médicas gratuitas por meio do rádio, aproximando profissionais de saúde e comunidade de maneira horizontal, afetiva e culturalmente adequada. Através de quadros de perguntas e respostas, dramatizações e entrevistas, o programa proporcionava não apenas esclarecimentos sobre doenças e tratamentos, mas também promovia um acolhimento simbólico, reforçando vínculos sociais e reduzindo o sentimento de isolamento dos ouvintes.

De acordo com Beltrão (1980), o comunicador folk atua como um “intermediário cultural”, traduzindo os códigos das instituições formais para as linguagens compreendidas pelo povo. No “Consultório de Graça”, esse papel era evidente na tradução de jargões médicos em metáforas, comparações e provérbios populares, estratégia que facilitava a

compreensão de conteúdos complexos de saúde. Essa prática encontra eco na reflexão de Pignatari (2004) sobre a função da linguagem na comunicação.

Além disso, a dimensão emocional do programa não pode ser negligenciada. Como aponta Goleman (1995), as emoções exercem papel central na maneira como os indivíduos processam informações e tomam decisões. A empatia demonstrada pelos apresentadores, a valorização das experiências dos ouvintes e o uso de narrativas de superação ampliavam a eficácia da comunicação, promovendo não apenas a transmissão de informações, mas também o fortalecimento de vínculos afetivos e comunitários.

O caráter de humanização da comunicação em saúde, evidenciado no “Consultório de Graça”, também se alinha às diretrizes contemporâneas das políticas públicas de saúde, que defendem práticas de acolhimento e escuta qualificada como elementos fundamentais da atenção integral à saúde. Por meio do rádio, o programa operava como uma extensão simbólica do consultório médico tradicional, oferecendo um espaço de cuidado mediado pela palavra, pela música e pela afetividade. Outro aspecto relevante é a autonomia proporcionada pela apropriação popular dos meios de comunicação.

Como observa Castells (2018, p. 25), “o poder está na capacidade de comunicar e de constituir redes de comunicação”. Ao democratizar o acesso ao conhecimento médico e estimular a participação ativa dos ouvintes, o “Consultório de Graça” contribuía para a construção de uma cidadania em saúde, pautada na informação, na prevenção e na corresponsabilidade. Finalmente, é importante destacar que práticas como o “Consultório de Graça” evidenciam que a comunicação em saúde não pode ser concebida apenas como transmissão unidirecional de conteúdos, mas como um processo interativo, culturalmente situado e sensível às dinâmicas da vida cotidiana.

Portanto, a análise do programa “O Consultório de Graça” revela o potencial transformador da folkcomunicação no campo da saúde pública, especialmente quando aliada a meios de grande alcance popular como o rádio. Essa experiência demonstra que, ao respeitar os códigos culturais e emocionais das comunidades, a comunicação em saúde pode ser não apenas mais eficiente, mas também mais humana e emancipadora.

Ademais, é imprescindível trazer alguns registros históricos do programa ora analisado. O programa "Consultório de Graça", veiculado pela Rádio Jornal do Recife, no

Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC), constituiu uma relevante iniciativa de folkcomunicação aplicada à promoção da saúde. Durante 17 anos de existência, de 2001 até setembro de 2018, o quadro, conduzido pela jornalista Graça Araújo, reuniu médicos especialistas para discutir temas diversos relacionados ao bem-estar, à prevenção de doenças e ao cuidado com a saúde, sempre de maneira acessível ao grande público².

Reconhecido em 2018 com o primeiro lugar na categoria rádio do Prêmio SBN de Jornalismo, da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, pelo episódio sobre câncer de cérebro³, o "Consultório de Graça" consolidou-se como uma prática eficaz de mediação entre o saber científico e o conhecimento popular. A apresentação empática de Graça Araújo e a linguagem adaptada à compreensão dos ouvintes exemplificam estratégias de folkcomunicação que possibilitam o acesso democrático a informações vitais, em um contexto social marcado por desigualdades no acesso à saúde e à informação.

O encerramento do programa, em decorrência do falecimento prematuro de sua apresentadora em setembro de 2018, após um Acidente Vascular Cerebral (AVC) hemorrágico⁴, marcou o fim de uma experiência significativa de comunicação popular no rádio pernambucano. Dessa forma, o "Consultório de Graça" torna-se um estudo de caso emblemático sobre como o rádio, enquanto meio de comunicação de massa, pode ser mobilizado para práticas de Folkcomunicação em Saúde. O programa demonstra a importância de iniciativas que aproximem especialistas e público de maneira humanizada, reforçando a necessidade de políticas comunicacionais que integrem práticas populares e educativas no fortalecimento da saúde pública.

Diante disso, cabem algumas importantes reflexões na era contemporânea da convergência midiática, as quais reiteram a natureza folkcomunicacional por excelência do veículo – como é o caso de Meditsch (2001, p. 95): “O rádio nunca deixou de ser o meio mais democrático de comunicação, porque sua escuta é livre, não exige alfabetização e alcança até os recantos mais distantes.” Meditsch (1999) afirma, ainda, que a oralidade radiofônica tem o

² Disponível em radiojornal.ne10.uol.com.br – acesso em 22 de abril de 2025.

³ Idem.

⁴ Disponível em radiojornal.ne10.uol.com.br – acesso em 22 de abril de 2025.

poder de criar vínculos afetivos com o ouvinte e de estimulá-lo em um verdadeiro senso de pertencimento, possibilitando assim, criação dos referidos vínculos que este autor desde tenra infância foi capaz de testemunhar e hoje é capaz de compartilhar com outros estudiosos. O desejo é de que o comportamento dos diversos profissionais de saúde percebam a força do rádio desde o princípio da sua formação, transformando-o em um aliado e quiçá na extensão de seus consultórios; como discutido a seguir.

A importância da formação em comunicação e mídia nos cursos de Medicina no Brasil

A formação acadêmica no Brasil, particularmente em cursos de medicina, tem sido historicamente centrada em conteúdos técnicos e científicos, com o objetivo primordial de formar profissionais altamente qualificados para lidar com as complexidades da saúde humana. No entanto, nos últimos anos, tem-se reconhecido a importância de uma formação que ultrapasse as fronteiras do saber técnico, incluindo habilidades essenciais em comunicação e mídia. Esses componentes, frequentemente negligenciados nos currículos médicos tradicionais, têm um impacto significativo na qualidade da prática médica, no relacionamento com os pacientes e no engajamento com a sociedade como um todo.

O trabalho de Santos (2024) e o de Tabakman (2013) destacam a necessidade urgente de uma integração da comunicação dentro da formação médica. Na visão de Santos (2024), a Folkcomunicação em Saúde, conceito fundamental em seu estudo, propõe uma abordagem mais humanizada, acessível e integrada da comunicação dentro dos processos de saúde. Santos (2024) argumenta que, para atingir uma população mais vulnerável, especialmente em regiões rurais ou periféricas, é necessário ir além do discurso técnico-científico, muitas vezes inacessível. A Folkcomunicação, como defendido pelo autor, estabelece uma ponte entre o saber médico e a experiência vivida dos pacientes, levando em consideração suas realidades sociais, culturais e educacionais.

A inclusão de elementos de mídia e comunicação na formação de médicos é essencial não apenas para a interação com os pacientes, mas também para a inserção dos futuros profissionais na dinâmica comunicacional das instituições de saúde e na sociedade em geral. A

utilização de meios de comunicação, como rádio, televisão e plataformas digitais, pode ser uma poderosa ferramenta para ampliar o alcance de informações de saúde, desmistificar mitos e fornecer orientações de forma mais clara e acessível. Isso é particularmente relevante em um contexto como o brasileiro, onde as desigualdades no acesso à saúde e à educação são profundas, e muitas vezes a população carece de informações precisas e de qualidade.

A formação em comunicação nos cursos de medicina deve incluir, portanto, não apenas a transmissão de conhecimentos técnicos, mas também a capacitação para uma comunicação eficaz com o paciente. O modelo tradicional de ensino médico, que muitas vezes se distancia das realidades vividas pelos pacientes, pode resultar em uma prática desumanizada, onde o paciente é visto como um objeto a ser tratado, e não como um sujeito com histórias, medos, expectativas e necessidades emocionais. Nesse contexto, a capacidade de ouvir, entender e comunicar-se de forma empática é tão essencial quanto a habilidade de diagnosticar e prescrever tratamentos.

Os profissionais de saúde que sabem se comunicar de maneira eficaz conseguem criar um ambiente de confiança, essencial para a adesão ao tratamento e para a promoção da saúde. A comunicação efetiva, que inclui habilidades verbais e não verbais, deve ser ensinada de forma prática e aplicada, e não apenas teórica. Isso permite que os médicos desenvolvam uma escuta ativa, uma maior compreensão das emoções e necessidades dos pacientes, além de um papel mais ativo na educação e conscientização sobre saúde. Tabakman (2013) destaca a importância da mídia na promoção da saúde pública, afirmando que os meios de comunicação têm um papel crucial na disseminação de informações e na formação de comportamentos e atitudes em relação à saúde. A utilização de estratégias de comunicação eficazes nos meios de massa, como rádio, televisão e mídias digitais, pode ser uma poderosa ferramenta para a educação em saúde, especialmente quando os profissionais de saúde têm formação adequada para interagir com esses meios.

No contexto brasileiro, onde a diversidade de classes sociais e a desigualdade no acesso à saúde são desafios persistentes, a formação em mídia e comunicação nos cursos de medicina pode proporcionar aos futuros médicos a habilidade de utilizar esses canais de forma estratégica. A inclusão de módulos sobre comunicação em saúde nos currículos

médicos pode, portanto, contribuir para a formação de profissionais mais completos, capazes de atuar de forma multidimensional: dentro da sala de consulta, nas comunidades em que vivem e também como divulgadores de informações essenciais sobre saúde.

A comunicação eficaz não é um conceito isolado, mas sim um processo que envolve múltiplas competências. É nesse contexto que a formação interdisciplinar se torna um elemento essencial nos cursos de medicina. Para que os médicos se tornem comunicadores eficazes, é necessário que tenham uma compreensão ampla das diversas formas de comunicação, sejam elas verbais, não verbais ou mediadas pela tecnologia. Essa abordagem interdisciplinar deve ser integrada ao currículo médico desde os primeiros anos do curso, para que os futuros médicos desenvolvam essas habilidades de maneira contínua e evolutiva.

Em suma, a importância da formação em comunicação e mídia nos cursos de medicina no Brasil não pode ser subestimada. A integração de conhecimentos sobre comunicação, mídia e saúde dentro do currículo médico representa um passo fundamental para a construção de um sistema de saúde mais inclusivo, acessível e humanizado. Os trabalhos de Santos (2024) e Tabakman (2013) fornecem um forte embasamento para a adoção dessa abordagem, destacando a necessidade de preparar os médicos não apenas para diagnosticar e tratar, mas também para se comunicar de maneira eficaz com os pacientes e com a sociedade. A comunicação eficaz em saúde, aliada à utilização estratégica dos meios de comunicação, pode ser um fator crucial para a promoção da saúde pública e para a construção de uma prática médica mais empática e próxima das necessidades da população.

Considerações Finais

O presente artigo buscou refletir sobre o papel da folkcomunicação na promoção da saúde pública a partir da análise do programa radiofônico Consultório de Graça, veiculado pela Rádio Jornal, em Recife-PE. A trajetória do programa, apresentado por Graça Araújo durante 17 anos, demonstra como a mídia popular, ancorada no rádio — meio de ampla capilaridade social — pode servir como importante instrumento de democratização do conhecimento e de fortalecimento da cidadania em saúde.

O Consultório de Graça revelou-se um espaço singular de convergência entre saberes técnicos e saberes populares, caracterizando-se pela linguagem acessível, pela escuta ativa e pela mediação cuidadosa entre médicos especialistas e o público ouvinte. Tal experiência se alinha às perspectivas teóricas da folkcomunicação, conforme formuladas inicialmente por Luiz Beltrão (1980) e posteriormente ampliadas por diversos estudiosos, incluindo Santos (2024), que ressaltam o potencial transformador dos meios populares na construção de processos de inclusão e de autonomia cidadã.

Ao aproximar a população de informações de qualidade sobre prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças, o programa contribuiu para reduzir barreiras informacionais historicamente presentes em contextos de desigualdade social. Como destaca Tabakman (2013), a comunicação em saúde não deve restringir-se à mera transmissão vertical de conteúdos, mas sim promover um diálogo efetivo que respeite e valorize as experiências e os saberes dos diferentes grupos sociais — objetivo alcançado de forma exemplar pelo Consultório de Graça. Outro ponto que merece destaque é a importância da formação de comunicadores e profissionais da saúde para atuarem de maneira competente e ética nos espaços de mediação social.

O estudo de caso do Consultório de Graça reafirma a relevância das práticas de folkcomunicação como estratégias fundamentais para a promoção da saúde coletiva, sobretudo em contextos marcados por desigualdades de acesso à informação. Nesse cenário, o rádio — meio caracterizado por sua oralidade, proximidade e inserção cultural — ressurge como ferramenta de resistência simbólica e inclusão social. Tal como já afirmava Luiz Beltrão (1980), os meios populares de comunicação funcionam como canais legítimos por meio dos quais “as camadas populares mantêm a coesão do grupo e repassam seus conhecimentos”, mesmo à margem das estruturas formais da mídia hegemônica.

Experiências como a conduzida por Graça Araújo, ao traduzir temas médicos em linguagem acessível e estabelecer um vínculo dialógico com a audiência, exemplificam o potencial transformador da folkcomunicação em saúde. A valorização dessas experiências demanda, ainda, o comprometimento com a formação de profissionais de saúde sensíveis às dimensões simbólicas, linguísticas e culturais do cuidado. Ao conjugar folkcomunicação, saúde

e cidadania, é possível abrir caminhos mais efetivos para a promoção de uma inclusão social plena — nas ondas do rádio e para além delas.

Referências

- ASSIS, Regina de. Educomunicação em Saúde: um caminho possível. In: PAIVA, Vera; MARTINS, Mariana (orgs.). **Comunicação e saúde pública**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 89-105.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Indústria Cultural, Informação e Capitalismo**. São Paulo: Paulus, 2000.
- BRITTOS, Valério Cruz; BARBOSA, Marialva. **Comunicação Popular e Democratização da Mídia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CAMPOS, Carlos e RIOS, Izabel. **Qual o Guia de Comunicação na Consulta Médica é o Mais Adequado à Realidade Brasileira?** Revista Brasileira de Educação Médica: Associação Brasileira de Educação Médica, Brasília, 2018, p. 108-118.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- MAUAD, Ana Maria. **Narrar, testemunhar, saber**: oralidade e memória no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- MEDITSCH, Eduardo. O rádio na comunicação do século XXI. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marlene (orgs.). **Jornalismo em novas dimensões**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. p. 93-112.
- MEDITSCH, Eduardo. O rádio no Brasil e no mundo. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes (org.). **Comunicação e cultura nas ondas do rádio**. São Paulo: Summus, 1999. p. 25-40.
- MELO, José Marques de. **Comunicação e Folkcomunicação**: a emergência dos emissores populares. São Paulo: Paulus, 2003.

MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

ORTRIWANO, Gisela. **Rádio**: o veículo, sua evolução e características. São Paulo: Ática, 1985.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem e comunicação**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PRATA, Nair. **Rádio e convergência**: os desafios do novo milênio. São Paulo: Paulus, 2011.

SANTOS, Pedro Paulo Procópio de Oliveira. Folkcomunicação em Saúde: Perspectivas e Reflexões Sobre um Novo Campo Teórico. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 22, n. 48, p. 13–28, 2024.